

guimarães

Cidade Visível / Visible City

#2

jan – jun 2016

Sobre About

Guimarães - Cidade Visível é publicada semestralmente pela Câmara Municipal de Guimarães, tendo como principal missão a divulgação do Concelho de Guimarães nas suas componentes cultural, turística e patrimonial, bem como a partilha de conhecimento gerado a partir da reflexão exercida sobre o seu território, os seus costumes e as suas gentes.

Guimarães - Visible City is a biannual publication of the Guimarães City Hall mainly devoted to the promotion of the Guimarães municipality in its cultural, touristic and patrimonial dimensions, as well as to the sharing of knowledge and insights on its territory, its traditions and its people.

Contacto Contact

Câmara Municipal de Guimarães
Largo Cónego José Maria Gomes
4804-534 Guimarães
Email: cultura@cm-guimaraes.pt

Por decisão dos respetivos autores, os artigos que integram a presente publicação não cumprem o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, com a exceção da entrevista ao Rui Horta, por Samuel Silva, e dos artigos de Gonçalo Cruz e Paulo Pinto.

Propriedade Property

Câmara Municipal
de Guimarães

Diretor Director

José Bastos

Editor Editor

Paulo Pinto

Apoio Editorial Editorial Support

João Costa

Colaboradores Contributors

Ana Aragão
Andrew Howard
António Preto
Cláudia Galhós
Gonçalo Cruz
Inês Moreira
Joana Paradinha
Marta Labastida
Miguel Frazão
Opium
Paulo Pinto
Pedro Vieira Magalhães
Samuel Silva

Tradução Translation

Filipa Araújo

Capa Capa

Ana Aragão

Design Design

Silvadesigners

Depósito legal Legal deposit

395552/15

ISSN

2183-5403

Tiragem Print Run

1000

O projecto do espaço público: uma mediação entre a(s) memória(s) e o lugar

O projecto do espaço público enquanto processo de aprendizagem constante - aberto e colectivo - acede ao reconhecimento das formas de apropriação passadas e assume a ambivalência e indeterminação das futuras.

The project of a public space is thusly defended as an ongoing learning process - open and collective - that leads to the recognition of past appropriation forms and takes upon itself the future hesitancy and uncertainty.

(...) como Walter Benjamin tem reconhecido, o significado derivado da paisagem e do espaço arquitectónico resulta de “uma colectividade em estado de distração” que lentamente aprecia a sua envolvente simbólica mediante uma “apropriação habitual”, ou pelo uso e actividade diários. A experiência da paisagem leva tempo, e resulta de uma acumulação de acontecimentos frequentemente distraídos de encontros quotidianos.¹

Qualquer projecto materializa memórias, a própria e aquelas apreendidas do lugar. Qualquer lugar apropria-se de variadíssimas memórias e apresenta-se como uma sobreposição de marcas que revelam a passagem do tempo e as relações construídas por um colectivo. Este é o material sensível do *projecto do espaço público*. Um material prestado ou encontrado, por vezes visível, normalmente fragmentado, mais ou menos apagado... mas sempre útil.

Estas linhas não pretendem falar de nenhum espaço público em particular, relatam o próprio acto de intervir em qualquer um, seja para o requalificar, alterar ou, simplesmente, criar. Uma tarefa sempre difícil porque trata de um domínio público e de uma componente identitária inquestionável.

Aquilo que denominamos espaço público – poderíamos discutir se seria melhor falar de espaço colectivo – está sempre em questão porque resulta da manifestação colectiva que está em constante evolução: mudam os paradigmas, as necessidades e exigências, as relações com a envolvente. Parece necessário que qualquer intervenção assuma uma revisão que não se limite a aclamar novas formas, repetir modelos de sucesso, contextualizar para congelar um passado, nem defender um progra-

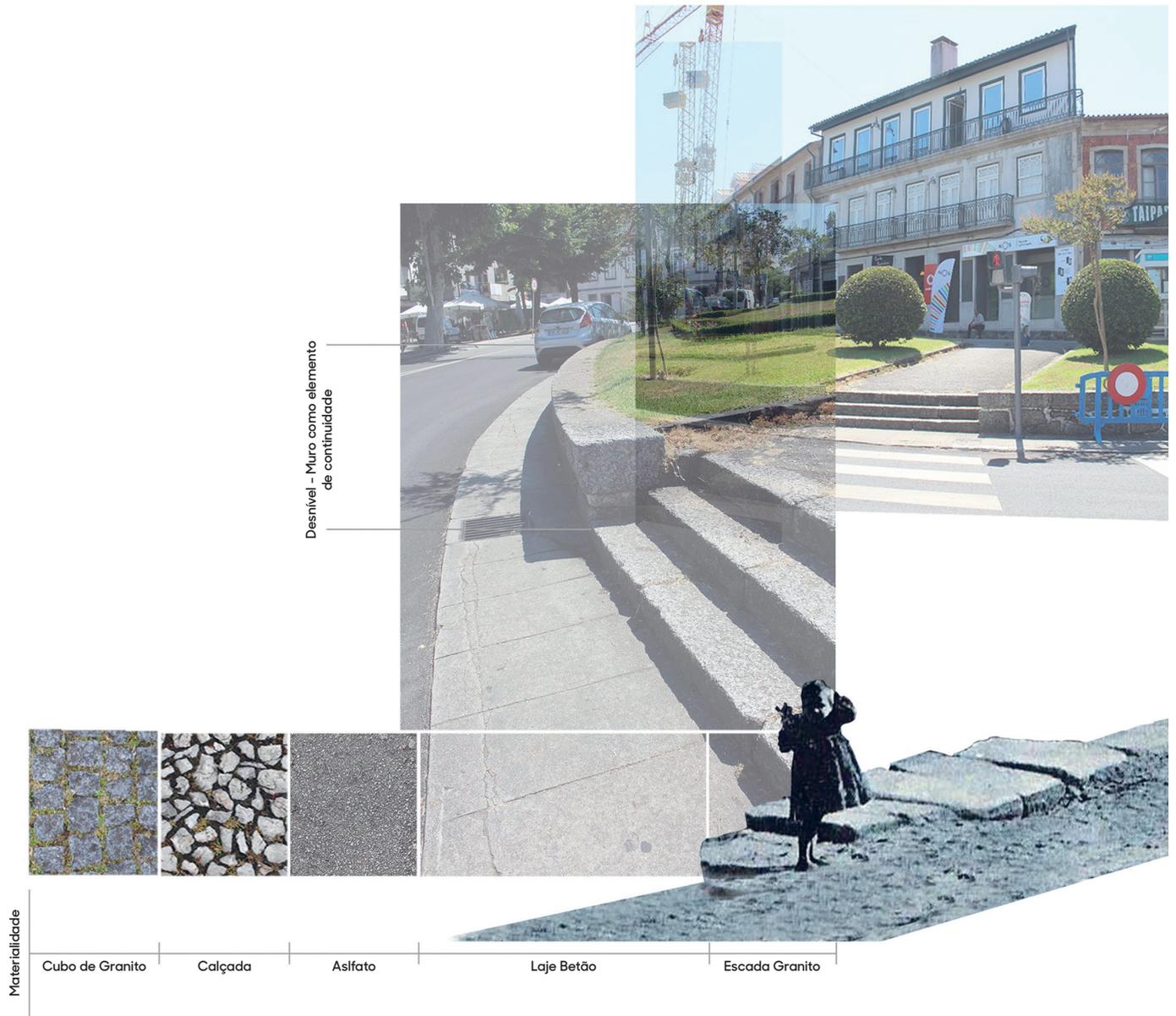
ma genérico; mas sim uma revisão que possibilite preparar e/ou (re)parar, acolher e promover, em simultâneo, a memória e as novas aspirações colectivas.

Defende-se assim o *projecto do espaço público* como processo de aprendizagem constante – aberto e colectivo – que acede ao reconhecimento das formas de apropriação passadas e assume a ambivalência e indeterminação das futuras. Este processo visa tornar mais transparente as pré-existências e mais efectiva a participação, convidando cada utente a construir as relações com o lugar e completar a sua história.

A condição contínua e dinâmica imposta ao projecto exige inventar ou improvisar, em cada caso, uma estratégia de mediação distinta, sem princípios únicos nem prefixados. Por outro lado, esta abordagem aberta e instável assumida pelo projecto, fragiliza o desígnio do espaço público perante aquela posição que o reclama forte, identitário e permanente, identificando-o como objecto de protecção e conservação. Entretanto, a realidade urbana praticada do nosso quotidiano transcorre entre múltiplos espaços onde convivem, em simultâneo, a passagem do tempo, as funções contemporâneas, a memória colectiva, as aspirações individuais futuras...

Perante este paradoxo, o *projecto do espaço público* participa na construção de um *background* comum aproveitando a proximidade - construindo um processo de aproximação próprio - e incluindo as qualidades do *vernacular* definido por J.B. Jackson² como algo móvel, dinâmico que, da mesma forma que os hábitos, adapta-se às circunstâncias e é pragmático; por isso, facilmente alterável. A proximidade implica que o projecto tenha como primeiro objectivo a anotação a partir das *coisas prosaicas* encontradas no lugar; uma atitude atenta que aceita a intuição e o acaso, que recolhe restos e pequenas estórias porque aportam vitalidade e podem determinar pistas para as novas formas de apropriar. O lugar deixa de ser um suporte onde se coloca “o projecto” para ser o suporte onde se descobre a(s) possibilidade(s) do projecto. O projecto passa a ser “aquilo que já está ali” definindo-se como um processo aberto capaz de descodificar indícios e gerar de novos.

Esta ideia paradoxal a encontramos também na frase de Peter Handke: “começou algo que já estava ali”, utilizada em vários dos meus projectos com a intenção de sugerir uma torsão da atenção ao lugar e uma inversão da prioridade que habitualmente outorga-se ao programa. Porém a atenção ao que estava ali não significa

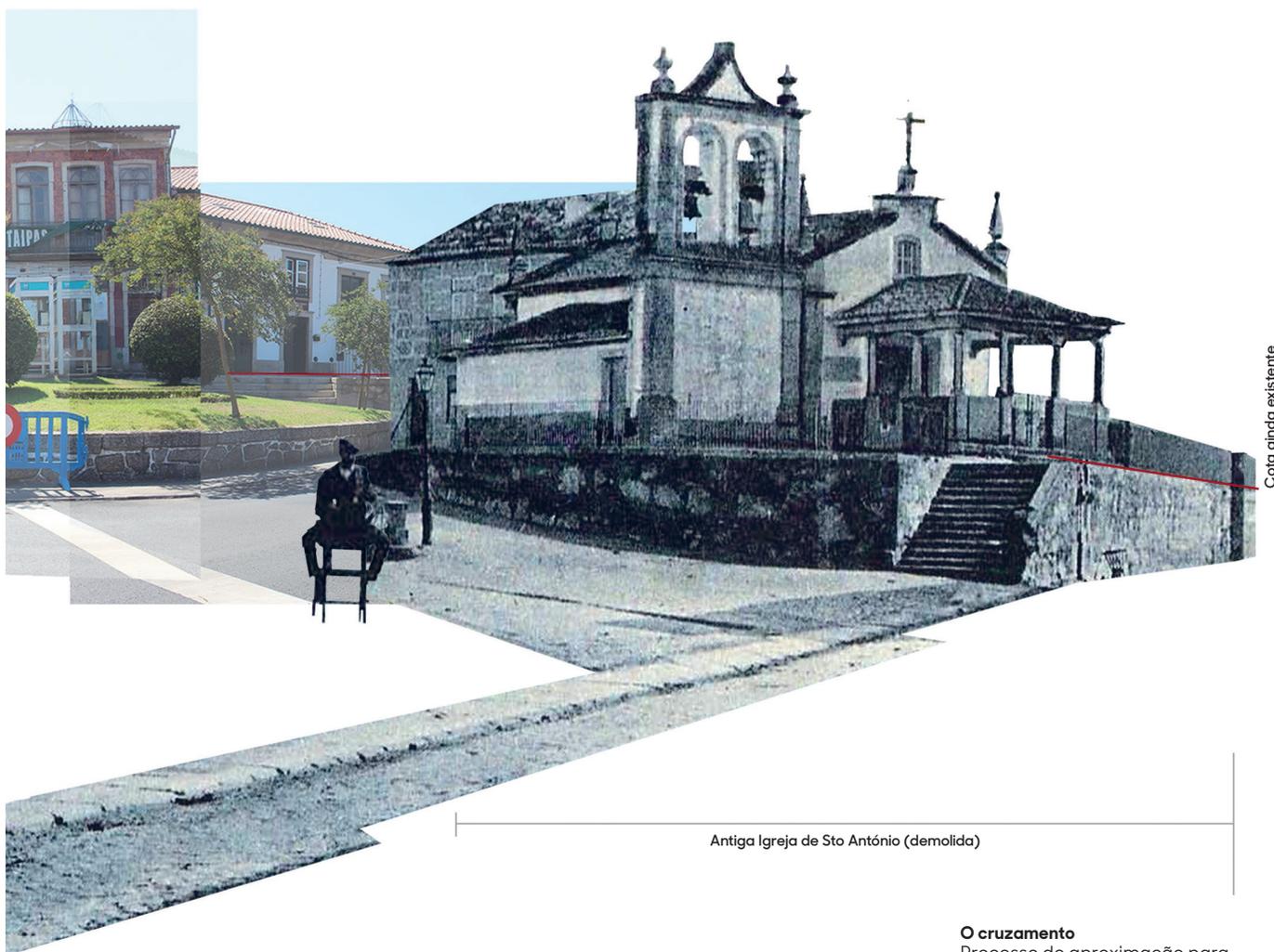


rejeitar toda modificação e não implica nem nostalgia nem volta atrás, nem sequer, uma integração qualquer no contexto. (...) Esta atitude tem só um valor relativo e circunstancial (...) porque pretende acentuar aquilo que durante demasiado tempo tem sido esquecido e trabalhar com isso. É uma posição de vigília, que intensifica contrastes e quer mostrar possíveis.³

Transpor o resultado – como algo unitário, definitivo ou substancialmente compositivo - para indícios superpostos, significa aceitar o rol do tempo na construção contínua do espaço público. Introduce um maior grau de complexidade ao projecto aumentando as relações espácio-temporais das distintas partes,

produzindo lugar em vez de formas ou objectos; abarcando o passado, aceitando o presente e abrindo o futuro.

Nesta mediação de indícios, o *projecto do espaço público* retoma a genealogia de J.B. Jackson que valoriza a história pela sua operatividade de mostrar o futuro, abandonando a atitude contemplativa ou conservadora para incentivar uma posição crítica desde o projecto que abre um futuro. O projecto emerge assim no meio da história do lugar, no meio de múltiplos processos iniciados, truncados, descontinuos e adopta uma forma rizomática. Aparece sempre *no meio de...*, nunca começa nem acaba nada, simplesmente tenta activar e incorporar indícios para



Antiga Igreja de Sto António (demolida)

Cota ainda existente

77

O cruzamento

Processo de aproximação para intervenção no centro das Taipas. Centro de Estudo da Escola de Arquitectura da Universidade do Minho.

The crossing

A process of rapprochement for an intervention at Centro das Taipas. Study Centre at the School of Architecture at Minho University.

novos processos, abandonando aquela imagem hierárquica ou impositiva de soluções terminadas e únicas.

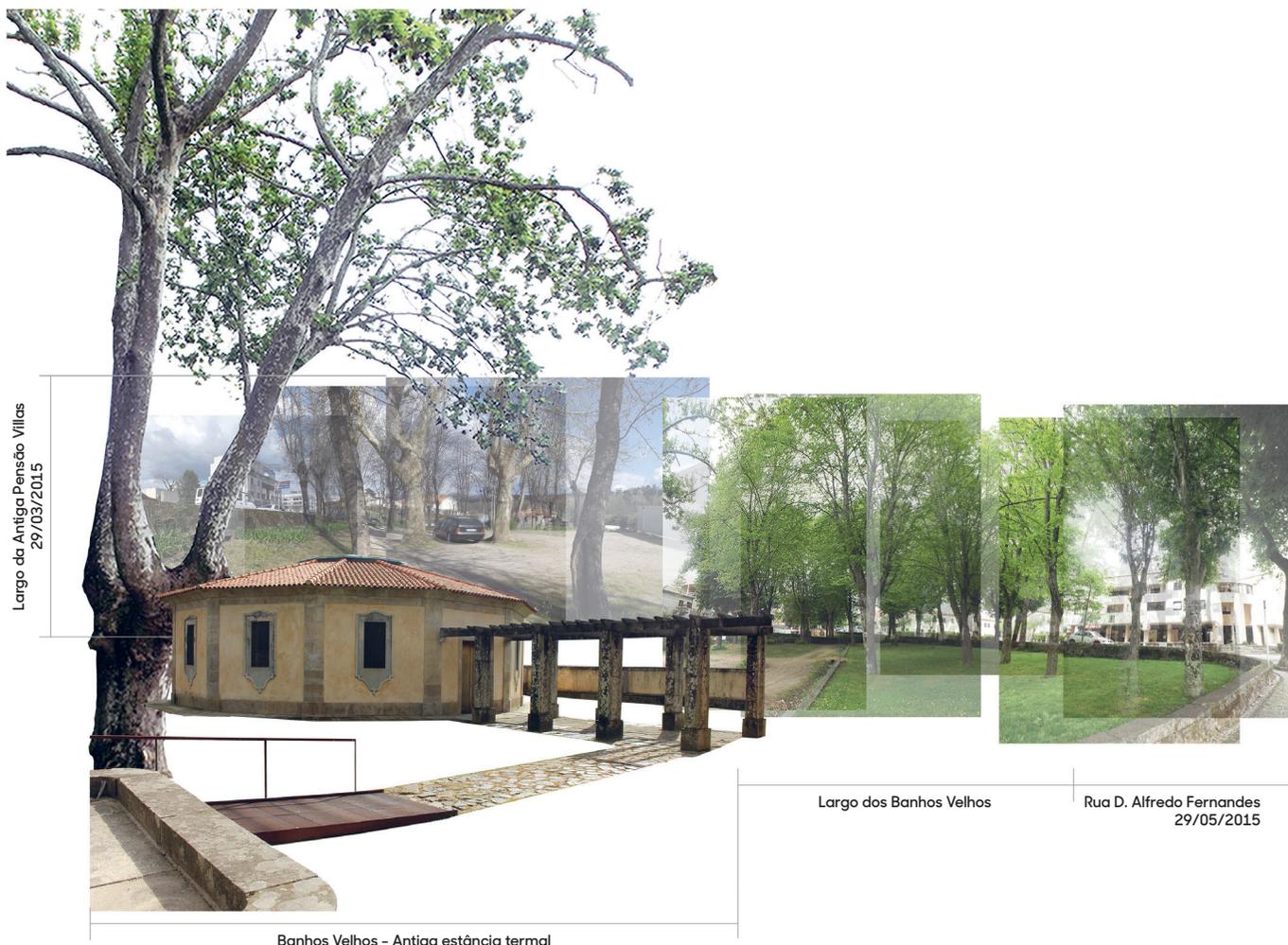
Para onde vai? De onde vem? Aonde quer ir? São questões inúteis. Fazer tábu-la rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (metódico, pedagógico, iniciático, simbólico...). (Há) outra maneira de viajar e também de se mover, partir do meio, pelo meio, entrar e sair, não começar nem terminar (...) o sentido rizomático significa mover-se entre as coisas, instaurar uma lógica do E (...) anular fim e começo. (...) o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velo-

*cidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direcção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra (...)*⁴

Pode-se concluir que qualquer *projecto do espaço público* tem como objetivo comum gerar uma maior sinergia entre o lugar e o hábito, entre o passado e o futuro, entre um colectivo e as suas memórias... atendendo não só às necessidades imediatas como também às possíveis. Isto significa deixar espaço para a espontaneidade e assumir, uma vez mais, a condição transitória da acção presente. Posiciona-se assim como um processo participativo ao compreen-

der e ao incorporar a experiência e a expressão local, facilitando leituras compreensíveis para quem os habita ou pratica e convidando a explorar a sua apropriação desde o uso quotidiano, dia após dia... Longe de perseguir o consenso de um resultado fechado ou uma imagem fixa retirada de modelos canónicos, prefere partilhar a dificuldade de construir um reconhecimento colectivo dos espaços, as actividades, os conflitos que existem no lugar com a capacidade de imaginar as suas oportunidades de desenvolvimento.

Três acções concretizam e determinam o acto de projectar desde uma relação constante entre as formas de ob-



Banhos velhos

Processo de aproximação para intervenção no centro das Taipas. Centro de Estudo da Escola de Arquitectura da Universidade do Minho. **Old Baths**
 Process of rapprochement for an intervention at Centro das Taipas. Study Centre at the School of Architecture at Minho University.

Antiga Pensão Villas

Processo de aproximação para intervenção no centro das Taipas. Centro de Estudo da Escola de Arquitectura da Universidade do Minho. **Old Inn Villas**
 Process of rapprochement for an intervention at Centro das Taipas. Study Centre at the School of Architecture at Minho University.

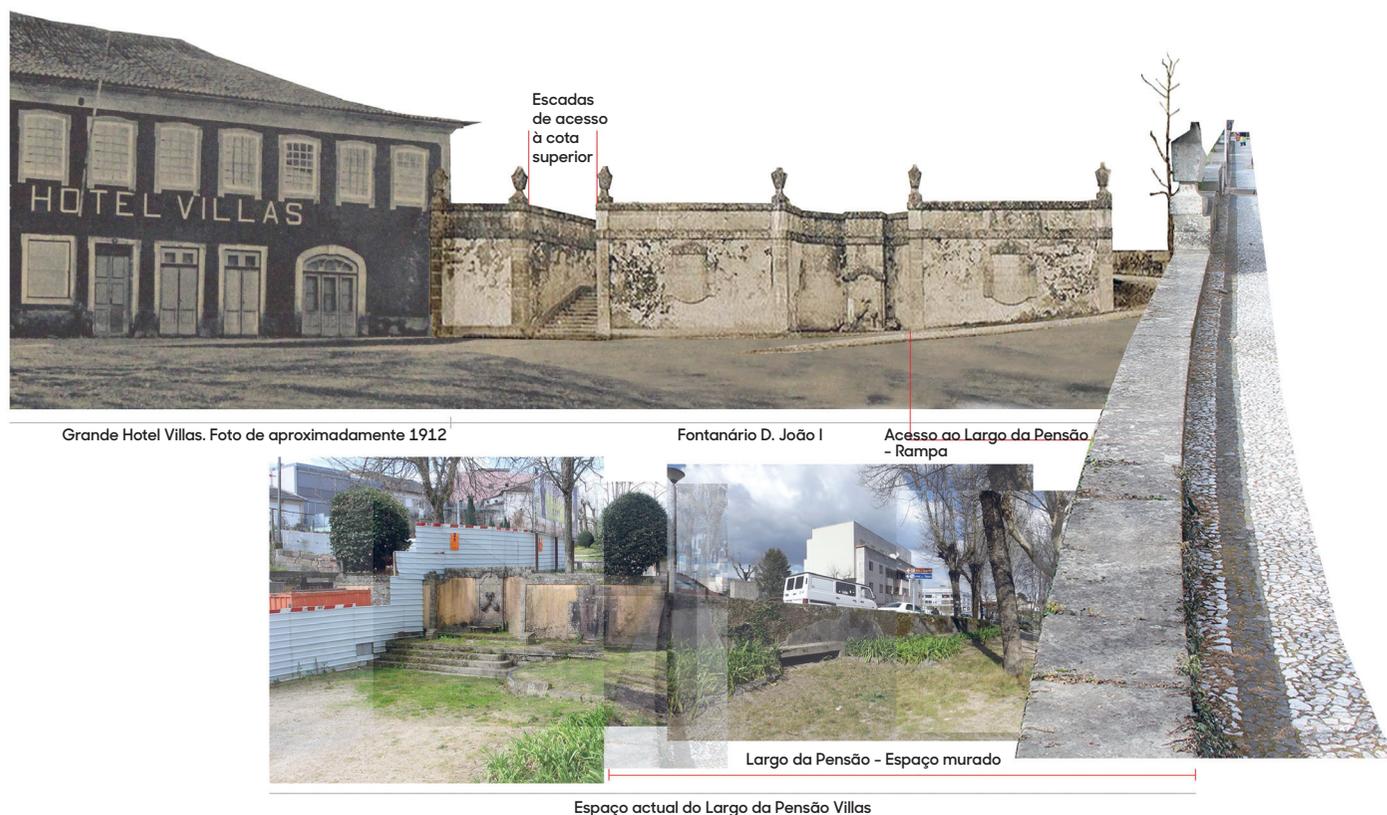
servar e a capacidade de aproveitar, perguntar e responder. Elas são: respigar, reciclar e bricolar.

Respigar assume que em qualquer processo existe um potencial aproveitamento para além do pressuposto resultado. Frente àqueles restos não considerados, subsiste sempre uma oportunidade que, de forma pragmática, pode ser activada. Respigar baseia-se na necessidade de procurar, explorar, descobrir ou inventar uma utilidade e discorre entre essa percepção distraída que agarra qualquer experiência passada e essa percepção atenta ao lugar que encontra indícios para incorporar e/ou alterar.

Reciclar interpreta o lugar enquanto superposição de processos, e determina que qualquer intervenção é uma interferência que os activa, os modifica, os corrige, os enfatiza,... ou até os catalisa, introduzindo assim a essência processual e temporal do projecto do espaço

público. O projecto participa assim das dinâmicas reconhecidas no lugar, introduz novas e assume a incapacidade de controlo de todas elas, pelo que aceita o inesperado e resta aberto.

Bricolar exige, em primeiro lugar, saber perguntar. O bricoleur desenvolve um processo mediante o qual encontra material e constrói ferramentas para tentar responder a uma necessidade ou pergunta por ele colocada. A sua caixa de ferramentas está composta a partir da descodificação e interpretação do observado no lugar, um depósito de indícios que incorpora materiais, processos, tempos, histórias e um conjunto de relações descobertas... Pelo que bricolar não se reduz a uma actividade compositiva, nem renega da ciência ou do conhecimento, ao contrário: estabelece um diálogo que inclui sempre uma aprendizagem transversal. É necessário aprender de cada lugar por ser particular, de cada processo por ser específico



**O projecto emerge
assim no meio
da história do
lugar, no meio de
múltiplos processos
iniciados, truncados,
descontínuos e
adopta uma forma
rizomática.**

e de cada experiência por ser empírico. Este diálogo não determina um objecto final, opta por destinar ao colectivo e aceitar desvios dos princípios estabelecidos.

Respirar, Bricolar e Reciclar sugerem atitudes úteis que pretendem recuperar a possibilidade de uma mediação próxima, inventiva, provisória, aberta e, ao mesmo tempo, construtiva e propositiva do lugar colectivo. O projecto do espaço público supera assim a função de responder para saber perguntar e ultrapassa a validação compositiva para antecipar uma revisão colectiva. Mas para isso é preciso recuperar o tempo perdido. Perante a exigência de respostas cada vez mais imediatas, reclama-se um processo dilatado que necessita tempo porque obriga a rever, reconhecer e apropriar um espaço que integre memória(s) e expresse novas aspirações colectivas. Não deveria ser uma tarefa contínua, distraída e partilhada? ●

NOTAS

1. CORNER, J.; *Representation and landscape*. En SWAFFIELD, S.; *Theory in landscape. A Reader*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press 2002. p.148. (Texto original, *Representation and landscape: Drawing and Making in the Landscape Médium*. En *Word & Image* 8, n3 1992.pp. 243-275,)
2. JACKSON J.B.; *Discovering vernacular Landscape*. New Haven: Yale University Press. 1984.
3. DESCOMBES G.; *Una arquitectura en el paisaje*. En MADERUELO J.(ed.); *Paisaje y Arte*. Op.cit. Pp.232-233
4. DELEUZE, G.; GUATTARI, F.; *Rizoma. Introducción*. Valencia: Prétextos, 2008. p.57. (título original *Rhizome (Introduction)*. Paris: Editions de Minuit 1976)